

# Apresentação

Completados 50 anos da ditadura militar e 29 anos do início de uma democracia liberal plena de restrições, *Lutas Sociais* presta, ao seu modo, uma contribuição para o debate sobre múltiplas formas de ditaduras que se constituíram ao longo do sombrio século XX, na América Latina e Portugal, neste caso, com diretas implicações ultramarinas.

Os registros são variados.

Lúcio Flávio de Almeida faz um esforço inicial para redimensionar alguns persistentes mitos acerca da Escola Superior de Guerra e de seu principal ideólogo, procurando despersonalizar um complexo e contraditório processo de constituição de uma tendência ideológica que, por um lado, não primava pela originalidade, mas, por outro, tinha sólido embasamento socioinstitucional. No sentido contrário ao processo de perda de memória sobre a ditadura, José Rubens de Almeida analisa as imbricações entre passado e presente. David Maciel retoma com criatividade duas teses fundamentais para a compreensão das ditaduras: não caem como raios de um céu azul, mas expressam poderosos interesses de classes e frações de classe; e, em sentido amplo, mas rigoroso, onde há dominação burguesa há ditadura. Particularizando a primeira tese, Célia Congílio e Joyce Ikeda explicam como se intensificaram as contradições entre o processo de abertura da Amazônia ao capital internacional e as lutas dos povos originários, comunidades indígenas e camponesas no sudeste paraense.

Myrna Coelho, articulando pesquisa teórica e empírica, aborda as práticas de tortura e suplício exercidos pelas ditaduras brasileira e argentina.

Gonzalo Rojas faz uma inovadora análise não hegemônica da ditadura militar argentina, abordando a unidade contraditória entre as frações da classe dominante no país, o que passa pelo principal determinante da Guerra das Malvinas, e a repressão aos trabalhadores. Wanderson Melo volta aos tempos sombrios para detectar as origens de um problema que adquiriu incrível atualidade. Aborda a defesa do produtivismo acadêmico por um dos mais importantes intelectuais da ditadura militar brasileira, cuja obra enveredou pelo tecnocratismo. Flávio Farias critica um antigo opositor do regime ditatorial brasileiro que, a partir de clara mudança de posição, naturaliza as relações sociais exorcizando qualquer tentativa de construção do socialismo.

As distintas abordagens, a partir de diferentes registros, têm um ponto em comum: onde há opressão há resistências. Estas se expressam de múltiplas

formas e merecem estudos meticolosos. É o que faz Vanderlei Nery, com uma excelente análise da Campanha das Diretas no Brasil. Renato Cancian aborda as lutas estudantis nos anos 1970. Também se voltando para a resistência à ditadura, Raiane Assumpção e Juliana Carrapeiro examinam o processo de crescente transformação do Serviço Social brasileiro em locus de reflexão e ação dotadas de forte conteúdo emancipatório. Rafaela aborda os shows 1º de Maio, no Riocentro. Katia Paranhos estuda dramaturgos e grupos de teatro no Brasil pós-64. E Aldo Gil examina uma espécie de ilha histórica entre estas ditaduras: o governo Torres e o papel da assembleia popular na luta pelo socialismo na Bolívia. Durou pouco.

Muitas lutas antiditatoriais adquiriram uma efetiva dimensão supranacional. Foi o caso da resistência ao colonialismo português, fator determinante para a derrubada de uma ditadura que “soube durar”, mas terminou esgotada pelos heroicos combates que sofreu em Angola, Moçambique, Guiné Bissau e Cabo Verde, as quais, como demonstra Waldir Rampinelli, repercutiram no interior das próprias Forças Armadas da metrópole. Como as resistências profundas são sempre criativas, o exílio imposto por todas as ditaduras contribuiu para a germinação de lutas que, como analisam Maira Abreu e Adília Carvalho, impulsionaram embates feministas que renovaram o internacionalismo.

Quatro importantes resenhas, que se referem aos diversos registros cobertos pelos artigos, fecham este alentado dossiê sobre Ditaduras, exílios e resistências.

Os textos iniciais contemplam a perspectiva de que a superação das ditaduras por democracias liberais não significa o fim da História: o de Rafael Bellan, sobre o Estado e a transição no pensamento de István Mészáros, e o de Jules Falquet sobre a contribuição teórica da feminista Nicole-Claude Mathieu, que insistiu na articulação das relações de sexo e classe como fundamentais para a luta contra a opressão.

O editor